

Estudos etnobotânicos das plantas
de uso medicinal e místico na comunidade
de São Benedito, Bairro São Francisco,
Campo Grande, MS, Brasil

Etnobotanic studies on
medicinal and mystic plants in a community
in São Benedito, *Bairro* São Francisco,
Campo Grande, MS, Brazil

ROBERTA MORICONI FREIRE SCHARDONG ¹

ARMANDO CARLOS CERVI ²

A vegetação do Mato Grosso do Sul compõe-se principalmente de 3 tipos de formações vegetais: o cerrado, os campos e o complexo do Pantanal (AZEVEDO, 1964). Esta área vem sendo modificada há alguns anos pela agropecuária provocando alterações na cobertura vegetal original. KUHN (1997), constatou que no cerrado há muitas espécies de plantas medicinais usadas pela população, no entanto, as queimadas, uso de agrotóxicos e desmatamentos as estão destruindo.

¹ Curso de Pós-graduação em Botânica, UFPR, ² Professor Sênior do Departamento de Botânica, SCB, Universidade Federal do Paraná — Caixa Postal 19.041 — 81531-990 Curitiba, PR, Brasil. *Email*: accervi@bio.ufpr.br. e Bolsista do CNPq — Processo nº 30226/82-6.

Neste contexto, a investigação etnobotânica pode desempenhar funções de grande importância como reunir informações acerca de todos os possíveis usos de plantas, como uma contribuição para o desenvolvimento de novas formas de exploração dos ecossistemas que se oponham as formas destrutivas vigentes. Os conhecimentos e tecnologias tradicionais, enriquecidas pelo conhecimento científico ocidental, podem ser desenvolvidos até nas últimas consequências, tanto a nível local das comunidades estudadas, como a níveis mais amplos, dentro de programas regionais de desenvolvimento, entendendo-se este não somente como um novo estilo de desenvolvimento mais racional “ecologicamente” falando mas como parte de uma estratégia política para o intercâmbio social (CABALLERO, 1983)

Além disso, a abordagem ao estudo de plantas medicinais a partir de seu emprego por sociedades autóctones, de tradição oral, pode, pois, dar muitas informações úteis para a elaboração de estudos farmacológicos, fitoquímicos e agrônômicos sobre estas plantas, com uma grande economia de tempo e dinheiro. Ela permite planejar a pesquisa a partir de um conhecimento empírico já existente, e muitas vezes consagrado pelo uso contínuo, que deverá então ser testado em bases científicas (AMOROZO, 1996).

Na região, poucos trabalhos na área foram elaborados sobre o potencial fitoterápico. Constando-se os trabalhos de Berg, dando uma visão sistematizada das espécies úteis no Pantanal Mato Grossense, incluindo seus aspectos medicinais. Pott organizou uma listagem de plantas comestíveis e medicinais da Nhicolândia, com suas respectivas indicações, partes utilizadas, correlacionando nome vulgar e científico. Em Juracy há citações sobre algumas plantas nativas e cultivadas do Morro Cruzeiro, com valor medicinal (BERMARDES DOS SANTOS, 1992) Bernardes dos Santos realizou o levantamento das espécies nativas de emprego medicinal mais utilizados pelas populações de Corumbá e Ladário.

Dando continuidade à estudos nesta área, fundamentaram a escolha da comunidade de São Benedito para o desenvolvimento desta pesquisa os seguintes fatores: tratar-se de uma comunidade negra com um folclore bem rico; existência de um elevado índice de parentesco entre seus integrantes, o que permite maior homogeneidade cultural, preservação

e uso dos recursos naturais; e interesse por parte da liderança comunitária do desenvolvimento de trabalhos dentro da comunidade em prol do resgate e valorização da cultura negra.

OBJETIVOS

Conhecer a sabedoria popular tradicional sobre as plantas de uso medicinal e místico na comunidade de São Benedito, Bairro São Francisco, Campo Grande, MS. A partir das plantas citadas elaborar um manual que contenham informações à respeito do uso correto delas e formas de coletas apropriadas. Objetivando especificamente o seguinte: fazer o levantamento das plantas medicinais e místicas utilizadas pela população; verificar a identidade botânica das mesmas; registrar os nomes populares atribuídos às plantas pela população; detectar seu uso terapêutico e místico na comunidade indicadas pela população observando o local de coleta das plantas.

HISTÓRICO DA COMUNIDADE DE SÃO BENEDITO

MATOS *et al.* (1998) fornece as informações abaixo transcritas.

“Eva Maria de Jesus Vida, nasceu em Mineiros (Goiás), em 1847, negra e escrava, nunca soube quem foram seus pais. Foi criada em fazenda de Engenho, obtendo sua liberdade com a assinatura da Lei Áurea em 1888, quando já estava com 41 anos de vida. Quando ainda era escrava, tinha o sonho de encontrar um lugar para seu povo no Mato Grosso.

Tia Eva, como ficou conhecida, foi acometida por uma chaga na perna direita e não havia meio de sarar, usando na ferida unguento feito de mel de abelha, casca de ipê fervido, amarrado com embira. Com a debilidade da medicina da época não havia muito o que fazer.

Em liberdade aproveitou para realizar seu grande sonho de ir para o Mato Grosso e fez a promessa de que, se curada ao chegar no seu destino, construiria uma capela em louvor a São Benedito onde celebraria novena no mês de maio, mês do seu santo de devoção, pelo resto de sua vida e continuaria a promessa através de seus descendentes.

Em 1904, partiu em comitiva com cavalos, burros e um carro de boi com muitas famílias, suas três filhas, Lázara, Sebastiana e Joana e seu companheiro, Adão. Vieram no período da seca e levaram alguns meses de viagem que não chegou a completar um ano.

Em 1905, com 58 anos, Tia Eva chega ao seu destino completamente curada. Trouxe consigo algumas pedras preciosas, libras esterlinas, prata, uma corrente de ouro de dois metros, na qual havia uma medalha de ouro santo, que ela usava no pescoço. Também trouxe uma pequena imagem esculpida em madeira de São Benedito, de 15 cm, relíquia guardada até hoje pela comunidade. Também trouxe um sino de bronze, hoje sustentado por dois postes de alvenaria localizados do lado direito da Capela de São Benedito.

Em 1910, Tia Eva requereu ao então Intendente Javari Barém, oito hectares de terra, ao qual pagou 80 mil réis, esse documento perdeu-se em 16 de dezembro de 1983, sendo que, a comunidade ganhou a ação por usucapião.

Tia Eva era conhecida por muitos através das tarefas que desempenhava; era benzedeira respeitada, benzia de cobreiro (expressão vulgarizada de uma dermatose, em virtude de crendice popular, de que era provocada pelo contato de uma cobra

sobre a roupa) a quebranto (superstição popular, um mau-olhado que certas pessoas produzem noutras), entre outros males. Fazia um tônico: colocava em garrafas e enterrava por um mês antes de ser utilizado. Receitava chás e fazia um preparado de acordo com a doença da pessoa, armazenando-os em vidros pequenos. Utilizava o boticário (essências) do qual ela preparava Belladona, Acônito e outros; além disso, consultava o pequeno livro *Mentor*, do Dr. Humphreys, para receitar alguns remédios. Também tinha um livro de orações, distribuía e rezava orações, sendo a oração do Anjo Custódio, que se rezada com fê, fazia a pessoa desaparecer perante seus inimigos, ou seja, os inimigos da pessoa esqueciam dela totalmente, era uma espécie de proteção. Rezava o terço cantando.

Não cobrava pelos serviços prestados, aceitando presentes e prendas que a ajudaram a construir a Capela. Os coronéis e pessoas de influência daquela época acreditavam firmemente em suas benzeções e rezas, e assim, foi ganhando popularidade e credibilidade de todos.

Em 1919 a igreja foi inaugurada, mas sua construção já havia sido finalizada em 1912, existindo relatos orais de que a igreja da comunidade negra de São Benedito foi uma das primeiras de Campo Grande.

Na frente da Capela havia um pequeno cemitério que cedeu lugar para um campo de terra; os restos mortais de Tia Eva, suas filhas e seus descendentes, antes ali sepultados, foram retirados e acomodados em uma urna, atualmente depositada dentro da capela. Atualmente uma cruz em frente à Igreja demarca o local onde havia o túmulo de Tia Eva. Ainda hoje há pessoas na comunidade que acreditam que não foram retirados todos os corpos que ali foram sepultados.

Tia Eva morreu em 11 de novembro de 1926. Quando ela estava acamada uma multidão foi fazer procissão, pedindo pela sua saúde, e foram ao seu velório ficando praticamente impossível de aproximar-se de seu caixão.

Tia Eva antes de morrer pediu a seus parentes que jamais deixassem de fazer a novena de São Benedito.

Após a morte de Tia Eva, foi Sebastiana, sua filha, quem ficou responsável pela Festa de São Benedito; depois Catarina, sua neta; e hoje é Sérgio, seu bisneto, conhecido como Michel e que também está a frente da comunidade.

Por 15 anos, de 1960 a 1975, a capela ficou sob o comando dos padres salesianos, que seguiram os mesmos rituais de celebração de quando a reza era feita pelos descendentes. No entanto, durante a Festa a pequena capela não comportava a presença de tantos devotos, com isto, o padre responsável, Luciano Scampini, resolveu construir uma igreja maior. Em 1967 inaugurou-se a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, mas a comunidade não compareceu, revoltados com o descaso à pequena capela tão querida. Os padres propuseram continuar tomando conta das duas capelas, mas os descendentes perceberam que era hora deles voltarem a frente da igreja. As missas antes celebradas na capela, agora acontecem na igreja nova e somente em maio, é que se tem a celebração de missa na capela de São Benedito.

Tia Eva, durante sua vida em Campo Grande, teve admiração e respeito de todos, foi homenageada com o título de cidadã Campo-grandense no dia 27 de junho de 1996 pelos serviços prestados a esta comunidade. E em 7 de maio de 1998, a Igreja de São Benedito, passou a fazer parte do Patrimônio Público Estadual e Municipal, sendo a primeira construção de característica religiosa a ser tombada em Mato Grosso do Sul.”

LOCALIZAÇÃO E OCUPAÇÃO DA ÁREA

A pesquisa foi realizada na comunidade de São Benedito no Bairro São Francisco, Campo Grande, MS, Brasil. De acordo com a setorização realizada em 1995 pela PLANURB — Instituto Municipal de Planejamento Urbano de Campo Grande — a comunidade tem 8 hectares e ficou localizada dentro da Região Urbana do Segredo, setor 03 - Jardim Seminário.

Os oito hectares de terra requeridos por Tia Eva, ficaram como herança para os descendentes, que em 1983, resolveram fazer o inventário por motivos de desentendimentos e divergências. A terra foi dividida proporcionalmente de acordo com o número de pessoas existentes na família dos descendentes.

A Comunidade de São Benedito é composta por uma rua de nome Eva Maria de Jesus, dividida em 20 terrenos, com 25 casas de material e nove casas de madeira. Nela se encontram 28 famílias descendentes de Tia Eva e oito famílias não descendentes, contando um número aproximadamente de 170 moradores.

ATIVIDADES ECONÔMICAS

A comunidade plantava para sua própria subsistência: couve, mandioca, milho, arroz, feijão, cana-de-açúcar, banana, mamão, laranja, manga. Possuíam também vacas leiteiras, porcos e galinhas, que recebiam através das pessoas que Tia Eva ajudava, em forma de gratidão. Os homens vendiam alguns animais na cidade e também trabalhavam na moenda de milho; as mulheres trabalhavam como empregadas domésticas, vendiam doces caseiros de porta em porta na cidade (fabricados por elas), faziam sabão com sebo e cinza e lavavam roupas para fora.

Atualmente, a comunidade é formada por pessoas simples, a maioria assalariada, trabalhando na construção civil como pedreiros, pintores e outros. Há uma pequena parte de descendentes da Tia Eva que obtiveram diploma Universitário mas não residem na comunidade.

Na comunidade são desenvolvidos vários cursos: confecção de bonecas negras, danças, pedreiro, eletricista, jogos de capoeira, pintor de parede, salgados para festas, cabeleireiros afro-brasileiros, confecções em malhas, planificação e eletricista de automóvel, patrocinados por órgãos como Fundação palmares, FUNCESP (Fundação de Cultura e Esporte), FAT (Fundação de Amparo ao Trabalhador) e outros.

Existem dois grupos de dança composto apenas por membros da comunidade, o AFROEVA patrocinado pela FUNCESP e outro grupo criado em 1998 que ainda não tem nome.

Em 15 de maio de 1997, foi registrada em cartório a criação da *Associação Beneficente dos Descendentes da “Tia Eva”*, uma entidade civil sem fins lucrativos, que presta serviços sociais aos seus associados.

A vila não dispõe de infra-estrutura como asfalto, esgoto, posto de saúde, creche, e já possuiu uma rádio alternativa que foi desativada por falta de recursos para mantê-la. Há na comunidade um campo de futebol de chão batido, um telefone público, linha telefônica, uma linha de ônibus circular (Marly), um salão de festa e reuniões.

Para cumprir uma graça alcançada, a senhora Irany Coavila comprou o terreno do herdeiro Otacílio Gerônimo da Silva e doou para a construção de uma escola com dez salas de aula para o ensino fundamental, e a mesma está sendo construída com recursos da Prefeitura Municipal de Campo Grande em convênio com o Estado, e posteriormente, após o término, será administrada pela Secretaria Municipal de Educação.

Futuramente, os descendentes pretendem construir um espaço para uma feira de artesanato afro-brasileiro e um salão de cabeleireiros especializados em penteados afro-brasileiro, surgindo assim mais uma fonte de renda.

Hoje, a comunidade busca conservar e divulgar a sua história dentro da capacidade de que dispõe, ministrando palestras a visitantes, grupos escolares dentro da igreja e no salão, transmitindo os conhecimentos a todos que desejam saber sobre Tia Eva.

ESCOLHA DA COMUNIDADE

O *Grupo de Trabalhos e Estudos Zumbi* (TEZ), fundado em 18 de março de 1985, atua em algumas comunidades de Campo Grande, dentre as quais está São Benedito, desenvolvendo atividades de conscientização e discussão sobre os problemas da comunidade.

Este grupo mostrou-se receptivo e interessado a contatar com a liderança da comunidade para o desenvolvimento deste trabalho de etnobotânica, enfocando as plantas de uso medicinal e místico. Segundo QUEIROZ (1994), o Grupo TEZ e a comunidade de São Benedito procuram caminhar juntos em busca de objetivos mais concretos, de resgate da cultura e identidade das pessoas ali residentes, que dignifiquem

e mostrem a importância da comunidade negra do Bairro São Francisco no passado da cidade e na sua atualidade. Enfim, procurando espaço para que “esta comunidade fale e, falando, resgate sua memória, que é também memória de Campo Grande”.

Posteriormente, a proposta de pesquisa foi apresentada e discutida com uma pessoa que está a frente dos assuntos comunitários.

ESCOLHA DAS PESSOAS A SEREM ENTREVISTADAS

As pessoas que participaram da pesquisa foram indicadas pela liderança comunitária por deterem sob o seu domínio o maior conhecimento e/ou cultivo de plantas medicinais e místicas em suas casas. Os indicados também indicaram outras pessoas.

O número de pesquisados seguiu conforme a curva de espécies citadas por blocos de entrevistas. Segundo MING (1995), o número acumulado de espécies diferentes citado por blocos de entrevistas auxilia na determinação da quantidade de entrevistas a serem realizadas. A tendência para uma estabilização do número acumulado de citações representa que mesmo realizando mais entrevistas, o seu número não se alterará substancialmente, caracterizando a proximidade do número ideal de entrevistas necessárias.

LEVANTAMENTO DOS DADOS

Os dados começaram a serem levantados a partir do 2º semestre de 1997 até o início de 1999, com uma média de 2 visitas semanais à comunidade durante os primeiros 5 meses, sendo que, nos meses seguintes foram retornos aleatórios para novas entrevistas, fortalecer os laços de amizade com os pesquisados, coletar informações etnossociais informalmente e coletar plantas férteis.

As entrevistas foram realizadas através de diálogos, em que os entrevistadores direcionaram a conversa para responder os itens de dois questionários já estruturados, um com dados etnossociais e outro com dados etnobotânicos (Quadro 1). Esta forma de entrevista foi adotada para desenvolver uma relação de amizade com os entrevistados, além de, dar espaço para as pessoas falarem à respeito de suas vidas e de suas idéias, tornando-se também menos cansativo que os tradicionais questionários fechados.

Quadro 1. Dados etnossociais e etnobotânicos constantes dos questionários.

Dados Etnossociais

- Data da entrevista
- Nome completo
- Apelido
- Endereço
- Idade
- Renda mensal
- Ocupação
- N° de pessoas na casa
- N° de filhos
- N° de netos
- Estado civil
- Grau de escolaridade
- Grau de escolaridade dos filhos
- Genealogia
- Religião
- Observações adicionais
- Pessoas indicadas

Dados Etnobotânicos

- Data da entrevista
- Nome da planta
- Nome científico
- Família
- Uso
- Modo de preparo
- Parte utilizada
- Hábito
- Local de coleta (habitat)
- Observações
- N° da exsicata

Alguns entrevistados foram apresentados aos pesquisadores pelas pessoas que as indicaram e outros foram apenas através da referência de quem os indicou. As mulheres foram entrevistadas pela pesquisadora desta dissertação e os homens pelo seu marido que foi devidamente treinado. Esta metodologia foi adotada para que os entrevistados se sentissem mais à vontade, principalmente para falar de doenças ligadas ao aparelho sexual.

As conversas foram registradas em pequenos cadernos e microgravadores com a prévia autorização dos entrevistados seguindo a metodologia adotada por LIMA (1996). Sendo que o uso de microgravadores foram usados com poucos entrevistados.

As informações coletadas foram organizadas e registradas em casa em fichas, após as saídas à campo, para que os dados fossem lembrados com mais facilidade.

COLETA E ENCAMINHAMENTO DAS PLANTAS ESTUDADAS

As coletas do material botânico foram efetuadas junto à população no momento das entrevistas e em visitas posteriores. O material fértil foi herborizado conforme metodologia convencional aplicada em taxonomia vegetal e os espécimes coletados foram identificados com o auxílio de microscópio estereoscópio através de chaves botânicas,

literatura especializada e comparação com base nas características morfológicas de exsicatas de herbário. Quando necessário o material foi enviado para especialistas identificarem. As espécies que, por algum motivo, não pudemos coletar ou que, estando estéreis, não pudemos identificar, são citadas apenas por seus nomes populares ou acompanhadas pelo nível de identificação que conseguimos — geralmente a nível de gênero (Tabela 2).

As exsicatas foram enviadas para os herbários do Departamento de Botânica da Universidade Federal do Paraná (UPBC), Herbário Museu Botânico Municipal da Secretaria Municipal do Meio Ambiente, Curitiba-PR (MBM) e o Herbário da Universidade Federal de Campo Grande (CGMS). As exsicatas coletadas sem flor receberam apenas o número da pesquisadora e estão guardadas em casa.

Todas as plantas citadas foram coletadas na presença e com o auxílio dos informantes. Pois os informantes tem a tendência de coletarem somente a parte da planta usada, dificultando a identificação.

ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS

Calculou-se a importância relativa das espécies que foram citadas pelos entrevistados para 1 e 2 doenças distintas, conforme a metodologia adotada por AMOROZO & GELY (1988). A porcentagem de concordância quanto aos usos principais (CUP), para cada espécie, foi encontrada da seguinte forma:

$$CUP = \frac{\text{número de informantes que citaram usos principais} \times 100}{\text{número de informantes que citaram uso da espécie}}$$

O valor encontrado foi multiplicado em seguida por um fator de correção (FC) correspondendo ao número de informantes que mencionou cada espécie, dividido pelo número de informantes que mencionou a espécie mais citada:

$$FC = \frac{\text{número de informantes que citaram a espécie}}{\text{número de informantes que citaram a espécie mais citada}}$$

A CUP corrigida é dada então: $CUP_c = CUP \times F$

Combinou-se que ao término do levantamento dos dados seria feito de alguma forma o registro e devolução das informações fornecidas pela comunidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

DADOS SÓCIO-ECONÔMICOS RELATIVOS AOS ENTREVISTADOS

O número de pessoas entrevistadas foi 18, entre estas, 11 mulheres e 7 homens. À princípio foi indicado pela liderança comunitária 14 pessoas. Sendo que 2 ficaram de fora, pois 1 era de Furnas do Dionísio e estava na comunidade por um curto período de tempo em tratamento de saúde, e a outra não encontrava-se em condições de saúde mental para participar da pesquisa. Uma mulher que participou da pesquisa não foi indicada por ninguém, foi ao acaso, quando solicitada a informar à respeito do paradeiro da sua vizinha, uma das indicadas, informou que ela havia saído e mostrou-se disposta a participar da pesquisa, sendo assim incluída no trabalho. Duas mulheres entrevistadas são benzedadeiras.

Entre as 36 famílias que residem na comunidade foram entrevistados representantes de 17 famílias, pois tem um casal entre os entrevistados. Uma boa representatividade com um percentual de 47% das famílias da comunidade.

O número de vezes que cada entrevistado foi indicado pela liderança comunitária e/ou pelos outros entrevistados variou de nenhuma indicação à 5 indicações. Em geral, os entrevistados indicados por um maior nº de pessoas foram os mais idosos e descendentes da Tia Eva (Tabela 1).

A média do tempo de residência no local dos entrevistados é de aproximadamente 41 anos, sendo que 44% nasceram lá. Segundo LIMA (1996), o tempo de residência no local e relativo isolamento, neste caso cultural, faz com que o conhecimento etnobotânico permaneça bem conservado, tendendo a aumentar, quanto maior o tempo de permanência destas pessoas na comunidade.

Tabela 1. Número de vezes que foi indicado para ser entrevistado (número de indicações), idade (em anos), tempo de residência na comunidade (em anos) e descendência com a Tia Eva (sim/não) de cada entrevistado.

<i>Entrevistados (descendência)</i>	<i>Número de indicações</i>	<i>Idade</i>	<i>Tempo no local</i>
Narziria (sim)	5	77	35
Geraldina (não)	3	86	35
Adair (sim)	3	64	60
Elisia (sim)	3	61	35
Joana (não)	2	69	46
Luzia (não)	2	59	41
Lourência (sim)	2	42	7
Maria Dionísia (não)	1	80	66
Geni (não)	1	43	18
Hilda (não)	1	43	14
Luiza (não)	0	72	12
Jorge (sim)	3	74	74
Sérgio Antônio (sim)	2	64	64
Antônio Borges (sim)	2	59	59
João Eulálio (sim)	2	57	14
Antônio Pereira (sim)	1	72	72
Otávio (sim)	1	64	62
Hélio (não)	1	68	20

A faixa etária dos entrevistados entre as mulheres variou de 41-86 anos, e para os homens de 57-74 anos. Constatando-se, desta forma, que 78% do conhecimento etnobotânico desta comunidade está concentrado nas pessoas com mais de 57 anos, ou seja, nas pessoas idosas.

Todos os homens entrevistados estão aposentados, 2 em carpintaria, 2 como guarda-noturno, 2 em construção civil (um de pedreiro e outro de mestre de obras), e 1 de venda de doces caseiros. Das mulheres, 2 aposentaram-se como lavadeiras e uma pelo trabalho da roça. São profissões pouco remuneradas, com 72% dos entrevistados, ou seja, a maioria, recebendo até um salário mínimo, uma renda mensal bem precária refletida nas próprias moradias.

Quanto ao número de filhos, os entrevistados que tem em média 70 anos, tem de 8-14 filhos, representando 56%. O restante dos entrevistados tem de 1-7 filhos, sendo a idade média dos pais de 58 anos, demonstrando que os mais velhos naturalmente tinham um número maior de filhos.

O grau de escolaridade dos entrevistados vai até o 5º ano do 1º grau. A maioria é analfabeta ou possui pouco estudo, sabendo escrever

o nome e ler bem pouco, abrangendo uma percentagem de 61%. Seus filhos tiveram e estão tendo mais estudo que os pais, principalmente os mais jovens, entre estes muitos tem o 1º e 2º grau completos, um formou-se em contabilidade (curso técnico) e outro está cursando a faculdade de Administração.

Um dos fatores que está diretamente ligado a esta realidade, é que antigamente o trabalho iniciava-se muito cedo para as crianças e não havia tempo nem condições para os pais dispensarem a mão de obra dos filhos para estes estudarem. Além disso, as mulheres casavam-se muito cedo.

A religião de 89% ainda é a católica, a mesma seguida pela Tia Eva. O restante é crente, sendo que, um destes não é descendente da Tia Eva e mora à 12 anos na comunidade. Alguns alegam que já frequentaram algumas vezes a Igreja dos crentes porque depois que os padres construíram a Igreja 'deles', a celebração de missas na Igreja de São Benedito só ocorre no mês de maio durante as festividades religiosas da comunidade.

Segundo LIMA (1996), citando GALVÃO (1976), BIGARELLA (1991) e MARQUES (1995), as manifestações culturais estão intimamente ligadas às práticas religiosas. Um exemplo deste fato é a festa de São Benedito, que ocorre todo ano no mês de maio, sendo considerado um evento cultural na cidade de Campo Grande, reunindo até pessoas de outras cidades.

Outro aspecto importante a ser estudado é a origem do conhecimento, pois pode apontar de onde veio e a quanto tempo vem sendo conservado pela comunidade. No local, todos aprenderam a respeito de plantas, principalmente com a família, e muitos citam os amigos também. Três entrevistados citaram o nome da filha da Tia Eva, Sebastiana que benzia e era parteira, e quatro o nome do raizeiro Antônio, neto da Tia Eva.

Esta forma de transmissão de pai-para-filho é considerada por PACIORNICK (1989), de nível vertical, e níveis horizontais, quando é transmitida de amigo-para-amigo, vizinho-para-vizinho e de comadre-para-comadre. Sendo este segundo nível, é comum, principalmente, nos conjuntos residenciais, vilas e associações de bairro.



Conforme CERVÍ *et al.* (1989), a utilização de um vegetal na terapêutica popular do município de Curitiba, em geral, ocorre sem qualquer informação de cunho científico comprovado, sendo na maioria dos casos apenas por indicação de amigos e parentes. O que também foi constatado na comunidade de São Benedito, sendo que uma das entrevistadas, disse que aprendeu algumas coisas à respeito das plantas para uso medicinal com um médico que esteve na comunidade dando palestras.

A comunidade mostrou-se receptiva e colaborou para que a pesquisa fosse possível. Foram estabelecidos laços de amizade com muitos entrevistados, ocorrendo uma rica troca de informações, principalmente para os pesquisadores devido a idade e experiência de vida dos entrevistados dispostos a repartir.

O fato da pesquisadora estar grávida durante as primeiras entrevistas e com filho, nas posteriores visitas à comunidade, facilitou o entrosamento e receptividade dos entrevistados, pois a comunidade é constituída de pessoas que valorizam a família. Reforçado por este aspecto de valorização familiar da comunidade, outro fator importante foi a participação do marido da pesquisadora na entrevista com os homens da comunidade. Além disso, foram realizadas algumas visitas informais pelo casal pesquisador e o filho, possibilitando um ambiente familiar e uma aproximação maior com alguns entrevistados.

Foi constatado durante uma das entrevistas, com uma senhora, que o fato da entrevistadora ser do mesmo sexo, favoreceu a coleta de informações. Quando esta entrevistada referiu-se a uma doença ligada aos órgãos sexuais femininos, baixou várias vezes o tom de voz quando o seu marido, que estava capinando ao redor de casa, aproximava-se.

Observou-se que a diferença racial entre os entrevistadores, de cor branca, e os descendentes da Tia Eva, de cor preta, em nenhum momento comprometeu a receptividade dos moradores do local. Além disso, alguns entrevistados e outros descendentes de Tia Eva na comunidade são casados com pessoas de cor branca.

DADOS ETNOBOTÂNICOS

Ao total foram citadas 182 etnoespécies, entre estas 178 (91%) utilizadas como medicinais, para saúde, prevenção de doenças e tratamento de beleza e 17(9%) na cura espiritual através de banho de descarrego e benzeduras.

Dentre as pessoas entrevistadas, concluiu-se através de conversas informais, que a doença espiritual é considerada algum problema que alguém tem mas os médicos não conseguem detectar exatamente do que se trata e nem curar através de medicamentos alopáticos. Na comunidade, à princípio, as pessoas nem consultam os médicos, vão tratar-se diretamente com quem benze.

Conforme os entrevistados uma das causas da doença espiritual, é o “mau-olhado”. Este ocorre quando uma pessoa adoece pelos pensamentos negativos e a inveja que outro indivíduo sente por ela. Outro entrevistado afirmou que as doenças desta origem podem ser causadas por quem faz “trabalho”, ou seja, pessoas que trabalham com macumba e através dos seus rituais fazem outras pessoas adoecerem, podendo até matá-las.

A cura só é adquirida por banho com determinadas ervas ou quando a pessoa afetada é benzida com um ramo de planta e algumas orações. Uma das pessoas entrevistadas disse que não poderia ensinar a benzer, porque ela aprendeu que este conhecimento só pode ser passado de pai (mãe) para filho ou de avô (avó) para neto. E assim mesmo, uma pessoa só pode passar para um ou dois dos seus descendentes que se mostrarem bem interessados. Ela contou que aprendeu com a sua avó.

Existem plantas que são cultivadas no quintal ou na frente da casa para protegerem a família contra o mau-olhado, pois tem o poder de interceptarem o que não é positivo.

O número de plantas utilizadas como místicas, embora tenha apresentado uma percentagem apenas de 9% dentro da comunidade, tem um valor significativo em termos qualitativos, pois a maioria dos entrevistados citou pelo menos 1 planta para esta finalidade. Observou-se que, em termos quantitativos, não existe uma variação grande do número de espécies para esta categoria de uso.

O poder curativo das plantas místicas, aparentemente, não depende da crença ou fé de quem os recebe. Um dos entrevistados foi acometido de uma grave doença, hospitalizado e desenganado pelos médicos que não encontraram a causa da doença, retornou para casa sem poder se movimentar, condenado a passar o resto de seus dias prostrado em uma cama. Alguns amigos começaram a tratá-lo, dando-

lhe banhos com plantas místicas e aos poucos ele começou a readquirir os movimentos corporais e recuperou-se totalmente. Este fato é interessante pois retrata uma pessoa que se considera completamente cética e recebe, segundo o relato anterior, uma cura espiritual.

As etnoespécies citadas encontram-se distribuídas em 54 famílias distintas. Das 182 plantas levantadas 144 foram identificadas à nível de família, 140 à nível genérico, e 13 das 122 identificadas à nível de espécie ficaram em cf. para posterior confirmação de especialistas.

Portanto, destas 182 plantas estudadas, 42 ficaram apenas com o nome popular, pois destas, 27 etnoespécies não foi possível coletar, por tratarem-se de plantas encontradas somente em locais distantes e sem a disponibilidade dos entrevistados de irem coletar com o pesquisador; 13 foram coletados exemplares estéreis e desconhecidos pelo pesquisador; e 2 foram coletados materiais férteis e identificados apenas à nível de família. Outras 24 etnoespécies coletadas estéreis foi possível identificar através das características vegetativas.

Das plantas identificadas, não foi possível a coleta de 9 espécies, mas foram determinadas através da literatura, por tratarem-se de plantas comumente conhecidas e indicadas pelos entrevistados como plantas vendidas no mercado, tais como, alface, alho, batata-branca, batata-doce, bananeira-roxa, cebola, cravo, melância e tomate.

A família Asteraceae foi a que teve o maior número de citações, com 25 espécies (@@18%). Isto deve-se ao fato desta família apresentar um grande número de plantas medicinais popularmente difundidas como é relatado na dissertação de PACIORNICK (1989). Além disso, a maioria destas são ervas ruderais de fácil acesso na Comunidade de São Benedito presentes nos quintais dos entrevistados.

A família Solanaceae teve 11 (@@8%) citações; Euphorbiaceae e Lamiaceae 8 (@@6%) citações. A família Lamiaceae tem diversos representantes tradicionalmente cultivados e originários da Europa, com finalidades medicinais. A família Myrtaceae com 6 (@@4%) citações; Poaceae e Rutaceae, 5 (@@3%); Amaranthaceae, Caesalpinaceae, Liliaceae e Moraceae e Rubiaceae, 4 (@@2); Anacardiaceae, Sterculiaceae, Verbenaceae, Zingiberaceae, 3; Bignoniaceae, Brassicaceae, Cucurbitaceae, Mimosaceae, 2; e as outras 34 famílias, 1 citação.

As espécies mais citadas foram a *Stachytarpheta polyra* (gervão) com 13 citações. A *Petiveria alliacea* (guiné) e *Plecthranthus barbatus* (boldo) com 11 citações cada; *Chenopodium ambrosioides* (santa-maria), 10; *Cymbopogon citratus* (capim-santo), 9; *Alternanthera brasiliana* (terramicina), *Lippia alba* (erva-cidreira) *Momordica charantia* (São-Caetano) e *Senna occidentalis* (fedegoso), 8. A *Petiveria alliacea* é indicada por alguns entrevistados como medicinal e por outros como mística, assim como, a *Momordica charantia* e a *Ruta graveolens* (arruda) com 7 citações. Segundo SIMÕES *et al.* (1998), a *Petiveria alliacea* e a *Momordica charantia* foram trazidas para o Brasil pelos africanos.

As espécies *Ocimum gratissimum* (alfavaca) com 7 citações e *Ocimum cf. americanum* (manjerição) com 2, são espécies de uso tradicional nas comunidades afrobrasileiras. Segundo ALBUQUERQUE & ANDRADE (1998), na África estas duas espécies são utilizadas como repelente para mosquitos, sendo originárias da Europa e difundidas pelos africanos em suas migrações internas pelo Brasil.

STEHMANN & BRANDÃO (1995), realizaram uma investigação do uso de plantas medicinais na comunidade da Serra de Lavras Novas, Minas Gerais, formada principalmente por pessoas negras, sendo a vila um antigo quilombo de escravos do século XVII. Conforme os autores o fato de ser um remanescente de quilombo sugere um rico folclore do uso de plantas medicinais da África para o Brasil.

Eles levantaram 41 espécies, e destas, 12 também foram citadas na comunidade de São Benedito e com os mesmos nomes populares, exceto *Ocimum gratissimum* (alfavaca) denominada cravo e *Vernonia condensata* (canferana) chamada boldo pelos mineiros. As outras espécies foram *Acanthospermum australe* (carrapichinho), *Citrus limon* (limão), *Coffea arabica* (café), *Cymbopogon citratus* (capim, erva-cidreira), *Eriobotrya japonica* (ameixa), *Nasturtium officinale* (agrião), *Persea americana* (abacateiro), *Phyllanthus tenellus* (quebra-pedra), *Psidium guajava* (goiabeira) e *Symphytum officinale* (confrei).

Estes dados comprovam que a comunidade de São Benedito, dos descendentes da ex-escrava negra, Tia Eva, ainda conservam o uso de plantas medicinais e místicas vindas da África.

A citação de novas etnoespécies cessaram na 17ª entrevista, conforme a curva de espécies citadas por nº de entrevistados (gráfico 1) que é utilizado para otimizar se o número de entrevistas esta suficiente para representar a comunidade em estudo. A partir da 3ª entrevista o número de etnoespécies novas citadas começou a diminuir até a 6ª entrevista, aumentando na 7ª, 9ª, 10ª, 12ª, 13ª, 15ª e 18ª. Quando o gráfico torna-se estável ou atinge o zero, ou seja, não é citada nenhuma planta diferente das anteriores, o número de entrevistas atinge um valor significativo em termos qualitativos.

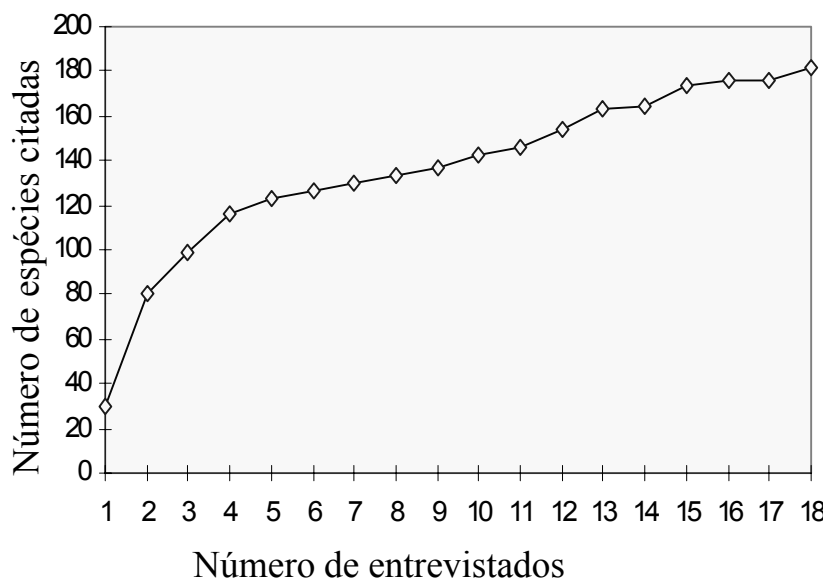


Fig. 1. Curva de etnoespécies citadas por número de entrevistados na comunidade de São Benedito, Campo Grande, MS, Brasil.

Conforme mencionado anteriormente na 17ª entrevista a curva atingiu o zero e na 18ª apareceram 6 espécies novas. A 18ª pessoa entrevistada foi indicada após a 9ª entrevista, mas ficou por último porque não foi encontrada em casa durante as primeiras visitas. Além disso, esta entrevistada veio de Furnas do Dionísio e é a pessoa que tem menos tempo de residência na comunidade entre os entrevistados, sendo 7 anos.

MING (1995), no levantamento que realizou na Reserva Extrativista “Chico Mendes” - Acre, adotou a curva de espécies por blocos de entrevistas. Encerrou o número de entrevistas quando o aumento de espécies novas tornou-se pequeno, em média 8 espécies novas a cada 11 entrevistas.

Alguns entrevistados demonstraram ter um rico conhecimento morfológico e capacidade de classificação das etnoespécies. As espécies *Achyrocline satureoides* (‘macela’) e *Achyrocline vautheriana* (‘jateica’) são diferenciadas por eles de forma bem precisa, embora sejam muito semelhantes morfológicamente e naturalmente pudessem causar confusões. Eles as distinguem por duas características básicas, a *A. satureoides* ter caule cilíndrico e encontrar-se em locais secos, enquanto a *A. vautheriana* apresentar caule quadrangular (alas membranáceas) e ser comum em brejos. Sendo esta primeira característica, referente ao caule, também utilizada para diferenciar as duas espécies em chaves botânicas de livros científicos. Além disso, é interessante ressaltar que alguns entrevistados tem um sistema de classificação próprio das plantas conforme o local em que estas são coletadas.

Outro fator importante, é que a maioria das espécies identificadas que foram citadas na comunidade são nativas do Brasil. Este fato pode ser considerado como um indicativo de que as pessoas tem um elevado grau de interação com o ambiente que as cerca.

Das 182 etnoespécies citadas, os entrevistados consideraram 91 (50%) cultivadas e 91 (50%) nativas, considerando as nativas de acordo com o local onde são encontradas, no mato, quintal, fazenda, cerrado ou brejo. Conforme a literatura, das 122 espécies identificadas, 73 são nativas e 49 exóticas em relação ao Brasil. Comparando estes dados, 76% destas 122 espécies identificadas são enquadradas da mesma forma pelos entrevistados e pela literatura, com 49 nativas e 44 cultivadas.

DADOS ETNOFARMACOLÓGICOS

Foram indicadas 73 usos distintos para as 182 etnoespécies citadas. Alguns tratam de doenças específicas (gripe, tosse, diabetes, etc.), outras são indicadas para fortalecer ou auxiliar alguma função orgânica (fortificante, facilitar o parto), além de tratamento de beleza (para os cabelos), e para benzimento, curas espirituais (banhos de descarrego)

e mau-olhado (ter uma folha na carteira, atrás da orelha ou ter as plantas cultivadas no quintal de casa).

Os distúrbios que tem o maior número de plantas indicadas são as doenças do aparelho respiratório (gripe, sinusite, bronquite, tosse). Nos trabalhos de AMOROZO & GELY (1998) e MING (1995) também são citadas as doenças do aparelho respiratório como tendo o maior número de plantas indicadas.

Para o boldo (*Plecthranthus barbatus*), obteve-se uma CUPc (Concordância quanto aos Usos Principais corrigida) em torno de 85%, ou seja, esta espécie está sendo utilizada pela maioria dos entrevistados da comunidade para os mesmos fins terapêuticos.

A goiaba (*Psidium guajava*), fedegoso (*Senna occidentalis*) e alfavaca (*Ocimum gratissimum*) com a CUPc em torno de 54%. Seguidos pelo quebra-pedra (*Phyllanthus tennehus*), poejo (*Cunila* cf. *microcephala*), manga (*Mangifera indica*) e sabugueiro (*Sambucus australis*) com 46%. Para 10% etnoespécies a CUPc foi de aproximadamente 31%; de 13, CUPc 23%; de 35, CUPc de 15%; e de 67 etnoespécies, CUPc de 8%.

Na tabela 2 relacionamos as espécies indicadas pelo nome popular e relacionadas ao número de informantes que citaram os usos principais. São ainda citados os nomes científicos, usos principais, número de informantes que citaram o uso da espécie e a CUP.

Segundo AMOROZO & GELY (1988), estes resultados comprovam a importância de se considerar os dados etnobotânicos em pesquisas etnofarmacológicas. São citadas plantas utilizadas por vários entrevistados da comunidade estudada que já tiveram comprovada ação farmacológica em estudos de laboratório, tais como, a goiaba (*Psidium guajava*), a alfavaca (*Ocimum gratissimum*) e o quebra-pedra (*Phyllanthus tennehus*). Outras plantas, se pesquisadas, podem ter sua ação farmacológica comprovada.

O número de plantas usadas em associação com outras foi de 56 (1%), uma quantia relativamente representativa de misturas de plantas. Dentre estas, 38 (68%) etnoespécies tiveram apenas 1 associação; 14 (25%), 2 associações; 3 (5%), 3; 1 (2%), 4; 1 (2%), 7.

Tabela 2. Espécies indicadas pelo nome popular e número de informantes citando usos principais (⁸⁰CUP = concordância quanto aos usos principais; ⁸¹FC = Fator de correção, baseado na espécie que obteve o maior número de citações, no caso o gervão; ⁸²CUPc = CUP corrigida).

Nome popular (Nome científico)	Usos principais	Informantes citando usos principais	Informantes citando uso da espécie	Nº de usos citados	CUP ⁸⁰	FC ⁸¹	CUP _c ⁸²
Acerola (<i>Malpighia glabra</i> L.)	Refrescante (sangue)	1	1	1	100	0,077	7,692
Açoita –cavalo (mato)	Problema aparelho respiratório	1	1	1	100	0,077	7,692
Agrião (<i>Nasturtium officinale</i> R.Br.)	Problema aparelho respiratório	1	1	2	100	0,077	7,692
Alcanfor (<i>Artemisia</i> cf. <i>alba</i> Turra)	Vômito	1	1	2	100	0,077	7,692
Alface (<i>Lactuca sativa</i> L.)	Calmante	1	1	1	100	0,077	7,692
Algodão	Câncer (início)	1	1	1	100	0,077	7,692
Ameixa (<i>Eriobotrya japonica</i> (Thunb.) Lindl.)	Diabete	1	1	1	100	0,077	7,692
Arnica I (<i>Chaptalia nutans</i> (L.) Polack.)	Machucadura	1	1	1	100	0,077	7,692
Arnica-preta (<i>Porophyllum ruderale</i> (Jacq.) Cass.)	Quebradura	1	1	2	100	0,077	7,692
Aroeira	Reumatismo	1	1	1	100	0,077	7,692
Artemisia (<i>Anthemis nobilis</i> L.)	Dor de cabeça (menstruação)	1	1	1	100	0,077	7,692
Articunzinho	Rim	1	1	1	100	0,077	7,692
Assa-peixe (<i>Vernonia scabra</i> Pers.)	Problema aparelho respiratório	1	1	1	100	0,077	7,692
Assa-peixe-roxo (<i>Vernonia</i> sp.)	Tuberculose	1	1	1	100	0,077	7,692
Avenca (<i>Adiantum capillus-veneris</i> L.)	Problema aparelho respiratório	1	1	1	100	0,077	7,692
Babosa (<i>Aloe</i> sp.)	Unha encravada	1	1	1	100	0,077	7,692
Batata-branca (<i>Solanum tuberosum</i> L.)	Dente inflamado	1	1	1	100	0,077	7,692

(continua)

(continuação)

Nome popular (Nome científico)	Usos principais	Informantes citando usos principais	Informantes citando uso da espécie	Nº de usos citados	CUP ⁸⁰	FC ⁸¹	CUP _c ⁸²
Breu	Machucado (inflamado)	1	1	1	100	0,077	7,692
Cajueiro-do-mato (<i>Anacardium humile</i> St. Hil.)	Dente inflamado	1	1	1	100	0,077	7,692
Capim-sapé	Pneumonia	1	1	1	100	0,077	7,692
Carapiá II	Problema aparelho respiratório	1	2	2	50	0,154	7,692
Carobinha (<i>Jacaranda cuspidifolia</i> Mart.)	Sangu (limpa)	1	1	1	100	0,077	7,692
Carqueja (<i>Baccharis</i> sp.)	Estômago	1	1	2	100	0,077	7,692
Confrei (<i>Symphythum officinale</i> L.)	Machucadura	1	1	2	100	0,077	7,692
Copaíba	Ferida(corte)	1	1	1	100	0,077	7,692
Coração-de-Jesus (<i>Thevetia</i> cf. <i>peruviana</i> (Pers.)Schum.)	Veneno de cobra, escorpião e outros	1	1	1	100	0,077	7,692
Cordão-de-São-Francisco (<i>Leonotis nepetaefolia</i> Benth.)	Barriga inchada	1	1	1	100	0,077	7,692
Cravo (<i>Eugenia aromatica</i> Baill.)	Entrevado	1	1	1	100	0,077	7,692
Cravo-de-defunto (<i>Tagetes minuta</i> L.)	Diurético(para bexiga)	1	1	1	100	0,077	7,692
Didau	Barriga grande; diabete	1	1	2	100	0,077	7,692
Dormideira (<i>Mimosa</i> sp.)	Calmante	1	1	1	100	0,077	7,692
Emburana	Problema aparelho respiratório	1	1	2	100	0,077	7,692
Erva-doce	Cólica(nenê)	1	2	2	50	0,154	7,692
Erva-mate (<i>Ilex paraguariensis</i> St. Hil.)	Aumentar o leite	1	1	1	100	0,077	7,692
Eucalipto (<i>Eucalyptus</i> cf. <i>maculata</i> Hook.)	Problema aparelho respiratório	1	2	2	50	0,154	7,692
Folha-santa	Irizipela	1	1	1	100	0,077	7,692
Hortelã (<i>Mentha</i> cf. <i>rotundifolia</i> (L.)Huds.)	Problema aparelho respiratório	1	1	1	100	0,077	7,692
Jaboticaba (<i>Myrciaria</i> cf. <i>jaboticaba</i> Berg)	Dor de barriga	1	1	1	100	0,077	7,692

(continua)

(continuação)

Nome popular (Nome científico)	Usos principais	Informantes citando usos principais	Informantes citando uso da espécie	Nº de usos citados	CUP ⁸⁰	FC ⁸¹	CUP _c ⁸²
Jaca (<i>Artocarpus integrifolia</i> L.)	Útero(voltar ao tamanho, depois do parto)	1	1	1	100	0,077	7,692
Jiló (<i>Solanum gilo</i> Requier Ex Dun.)	Estômago	1	1	1	100	0,077	7,692
Limão-rosa (<i>Citrus</i> sp.)	Problema aparelho respiratório	1	1	1	100	0,077	7,692
Maleitero	Anemia	1	1	1	100	0,077	7,692
Malva (<i>Solanum americanum</i> Mill.)	Boquero(ferida no canto da boca); quebranto(criança)	1	1	2	100	0,077	7,692
Mamica-de-cadela	Tira o cheiro de cigarro	1	1	1	100	0,077	7,692
Mil-homem	Corrimento vaginal(inflamação por dentro da mulher)	1	1	1	100	0,077	7,692
Moreira (<i>Sorocea tinctoria</i> (L.)D.Dun Ex Steud.)	Úlcera	1	1	1	100	0,077	7,692
Mostarda	Coração(disparo)	1	1	1	100	0,077	7,692
Na-noscada	Coração(disparo)	1	1	1	100	0,077	7,692
Negamina	Para mau-olhado	1	1	1	100	0,077	7,692
Nó-de-cachorro	Nervos	1	1	1	100	0,077	7,692
Novalgina (<i>Achillea millefolium</i> L.)	Problema aparelho respiratório	1	1	1	100	0,077	7,692
Noz-moscada	Entrevado	1	1	1	100	0,077	7,692
Pata-de-vaca-árvore (<i>Bauhinia</i> sp.)	Rim	1	1	1	100	0,077	7,692
Pau-pelado	Câncer	1	1	1	100	0,077	7,692
Perpétua I (<i>Gomphrena celosoides</i> Mart.)	Coração	1	1	1	100	0,077	7,692
Quebra-Pedra III (<i>Phyllanthus</i> cf. <i>niruri</i> L.)	Rim	1	1	1	100	0,077	7,692
Quinina	Estômago	1	1	1	100	0,077	7,692
Rabo-de-bugiu	Rim	1	1	1	100	0,077	7,692
Rosquinha (<i>Helicteres</i> sp.)	Machucadura	1	1	2	100	0,077	7,692
Taiuiá	Reumatismo	1	1	2	100	0,077	7,692
Tançado (<i>Plantago</i> sp.)	Inflamação	1	1	1	100	0,077	7,692

(continua)

(continuação)

Nome popular (Nome científico)	Usos principais	Informantes citando usos principais	Informantes citando uso da espécie	Nº de usos citados	CUP ⁸⁰	FC ⁸¹	CUP ⁸²
Tomate (<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill.)	Vômito(cortar)	1	1	1	100	0,077	7,692
Tomatinho (<i>Lycopersicon</i> sp.)	Diarréia	1	1	1	100	0,077	7,692
Vassoura-branca (<i>Waltheria indica</i> L.)	Inflamação	1	1	2	100	0,077	7,692
'Esqueceu o nome' (<i>Bellis perenis</i> L.)	Coração	1	1	1	100	0,077	7,692
Açoita-cavalo (<i>Bauhinia variegata</i> L.)	Coluna (dor); diabete	2	2	2	100	0,154	15,385
Assa-peixe-branco (<i>Vernonia</i> sp.)	Problema aparelho respiratório	2	2	2	100	0,154	15,385
Bacimo	Problema aparelho respiratório; cicatrizante	2	2	2	100	0,154	15,385
Bananeira-roxa (<i>Musa</i> sp.)	Corte(ferida)	2	2	2	100	0,154	15,385
Batata-doce (<i>Ipomoeae batatas</i> L.)	Dente inflamado	2	2	1	100	0,154	15,385
Calunga	Estômago	2	2	2	100	0,154	15,385
Canela	Ter nenê rápido; fortificante	2	2	2	100	0,154	15,385
Canferana (<i>Vernonia condensata</i> Baker)	Estômago	2	2	1	100	0,154	15,385
Carapiá I (<i>Dorstenia cf. Brasiliensis</i> Lam.)	Problema aparelho respiratório	2	2	1	100	0,154	15,385
Caroba	Sangue(limpa)	2	2	1	100	0,154	15,385
Cebola (<i>Allium cepa</i> L.)	Coração(veia obstruída)	2	2	1	100	0,154	15,385
Chico-magro (<i>Guazuma tomentosa</i> H.B.K.)	Emagrecer	2	2	1	100	0,154	15,385
Embaúva (<i>Cecropia pachystachya</i> Trec.)	Pressão alta; diabete	2	2	2	100	0,154	15,385
Fumo (<i>Nicotiana tabacum</i> L.)	Umbigo(cair)	2	4	2	50	0,308	15,385
Gengibre (<i>Zingiber officinale</i> Rosc.)	Problema aparelho respiratório	2	2	1	100	0,154	15,385
Japacanga	Sangue(limpa)	2	2	1	100	0,154	15,385
Losna (<i>Artemisia absinthium</i> L.)	Estômago; fígado	2	2	2	100	0,154	15,385

(continua)

(continuação)

Nome popular (Nome científico)	Usos principais	Informantes citando usos principais	Informantes citando uso da espécie	Nº de usos citados	CUP ⁸⁰	FC ⁸¹	CUP _C ⁸²
Mãe-jurema	Cura espiritual; defesa da casa	2	2	2	100	0,154	15,385
Maracujina (<i>Passiflora edulis</i> Sims.)	Pressão alta	2	2	1	100	0,154	15,385
Mercúrio (<i>Jatropha</i> sp.)	Ferida(corte)	2	2	1	100	0,154	15,385
Pororoca (<i>Rapanea guinensis</i> Aubl.)	Sangue(limpa)	2	2	1	100	0,154	15,385
Quebra-Pedra II (<i>Phyllanthus orbiculatus</i> L.C.Rich.	Rim(derruba pedra)	2	2	1	100	0,154	15,385
Quinina-de-árvore	Estômago	2	2	2	100	0,154	15,385
Romã (<i>Punica granatum</i> L.)	Dor de garganta	2	2	2	100	0,154	15,385
Sangra-d'água (<i>Croton floribundo</i>)	Ferida	2	2	2	100	0,154	15,385
Sete-sangria (<i>Gomphrena</i> sp.)	Sangue(desobstruir veia), pressão alta	2	2	2	100	0,154	15,385
Veludo-branco (<i>Guettarda virbunoides</i> C. et S.)	Fígado	2	2	1	100	0,154	15,385
Vergateza (<i>Anemopaegma arvense</i> (Vell.)Stellf.)	Coluna(dor)	2	2	2	100	0,154	15,385
Alecrim (<i>Baccharis dracunculifolia</i> DC.)	Coração	2	3	2	66,7	0,231	15,385
Caieva (<i>Piper mikanianum</i> Steud.)	Problema aparelho respiratório	2	3	2	66,7	0,231	15,385
Carambola (<i>Averrhoa carambola</i> L.)	Pressão alta	2	3	2	66,7	0,231	15,385
Congonha-de-bugre (<i>Rudgea virbunoides</i> Benth.)	Pressão alta	2	3	2	66,7	0,231	15,385
Feijão-andu (<i>Cajanus cajan</i> (L.)Millsp.)	Problema aparelho respiratório	2	3	2	66,7	0,231	15,385
Pata-de-vaca	Rim	2	3	2	66,7	0,231	15,385
Suma	Sangue(limpa)	2	3	2	66,7	0,231	15,385
Arnica II (<i>Solidago chilensis</i> Meyen)	Machucadura (torção inflamada)	3	3	2	100	0,231	23,077
Caju (<i>Anacardium occidentale</i> L.)	Diarréia	3	3	2	100	0,231	23,077

(continua)

(oδζμλνσζ)

Nome popular (Nome científico)	Usos principais	Informantes citando usos principais	Informantes citando uso da espécie	Nº de usos citados	CUP ⁸⁰	FC ⁸¹	CUP _c ⁸²
Jurubeba (<i>Solanum variable</i> Mart.)	Fígado; rim	4	4	2	100	0,308	30,769
Limão (<i>Citrus limon</i> (L.)Burn. f)	Problema aparelho respiratório, enfarte	4	4	2	100	0,308	30,769
Melância (<i>Cucurbita citrullus</i> L.)	Pneumonia(pontada)	4	5	2	80	0,385	30,769
Manga (<i>Mangifera indica</i> L.)	Problema aparelho respiratório	6	7	2	85,7	0,538	46,154
Sabugueiro (<i>Sambucus australis</i> Cham. et Schlecht.)	Sarampo(sair)	6	7	2	85,7	0,538	46,154
Poejo (<i>Cunila</i> cf. <i>microcephala</i> Benth.)	Problema aparelho respiratório	6	6	2	100	0,462	46,154
Quebra-pedra I (<i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb.)	Rim(derruba pedra)	6	6	1	100	0,462	46,154
Alfavaca (<i>Ocimum gratissimum</i> L.)	Problema aparelho respiratório	7	7	1	100	0,538	53,846
Fedegoso (<i>Senna occidentalis</i> (L.)Link.)	Problema aparelho respiratório	7	8	2	88	0,615	53,846
Goiaba (<i>Psidium guajava</i> L.)	Diarréia	7	7	1	100	0,538	53,846
Boldo (<i>Plecthranthus barbatus</i> Benth.)	Estômago	11	11	1	100	0,846	84,615

Além disso, alguns entrevistados citaram a utilização de outros componentes junto com as plantas nos medicamentos, como: óleo de etnoespécies), foi indicado uso interno e externo; e para 17% (32), uso tópico, banho, lavagem, fricção, bochecho e gargarejo. Demonstrando que tradicionalmente a comunidade trata a maioria das doenças pela via oral de uso interno.

Foram detectadas 11 formas diferentes de preparo para 119 plantas indicadas, para as outras 63 etnoespécies foram utilizadas mais de uma forma de preparo. As formas de preparo são decocção, infusão, maceração, compressa, tintura, xarope e vinho medicinal foram enquadradas conforme a conceituação de MATOS (1989: 31-34), a partir da descrição do preparo fornecida pelos entrevistados. Os termos

suco, bater no liquidificador e refogado foram intitulados com termos comuns da culinária. E para o látex, referiu-se a seiva que é extraída do vegetal e usada imediatamente em seu estado natural.

Das 119 etnoespécies, a maioria, 63% (75) foram preparadas em decocção; 11% (13), infusão; 8% (9), maceração; e 18% (22) de outras formas. Observou-se que as formas de preparo mais citadas, correspondendo à 72%, são feitas apenas com a parte do vegetal e água, sendo simples, econômica e rápida a obtenção do medicamento caseiro.

Além disso, 27 das plantas citadas de uso interno são acrescentadas no mate quente, bebida quente preparada com as folhas e gravetos secos e triturados da espécie *Ilex paraguariensis*, introduzida em Campo Grande pelos gaúchos. Segundo PACIORNICK (1989), esta forma de emprego de plantas medicinais é comumente utilizada na região sul do país.

Outro levantamento importante para o estudo etnofarmacológico, é a parte do vegetal que é utilizada, pois estas podem conter diferentes princípios ativos. Dentro da comunidade foram citadas 11 partes distintas, sendo estas, a folha (60 etnoespécies), raiz (11), semente (10), casca (7), flor e fruto (4 cada), látex, bulbo e seiva (2 plantas cada uma), batata e cerne do caule (1), totalizando 104 etnoespécies. Nas outras 78 etnoespécies foram usadas 2 ou mais partes do vegetal, sendo que, para 29 destas utiliza-se toda planta. Para maior parte das plantas citadas, utiliza-se as folhas, sendo a maioria preparada em decocção e infusão.

Alguns entrevistados acrescentaram informações que consideram importantes para a utilização de determinadas plantas. A Sra. Narziria informou que mulher grávida não deve tomar o chá da sucupira. Luiza disse que a cancerosa deve ser preparada para beber sem os espinhos para não dar pontadas por dentro. Geraldina alertou que o chá da goiabeira e cajueiro para diarreia não deve ser administrado a crianças pequenas quando a causa do problema é o aparecimento dos dentes. Além disso, recomendou não ingerir a calunga ou qualquer planta amarga em grande quantidade porque não faz bem para o coração. Antônio Borges disse que não se deve preparar o poejo fervido pois as propriedades curativas do chá “morrem”. E Piau descreveu a forma de retirar a água da bananeira para que esta tenha efeito no tratamento da diabetes, “a água deve ser retirada do lado que o sol nasce”.

CONCLUSÃO

O número de entrevistados representaram 47% das famílias da Comunidade de São Benedito, com um tempo de residência no local de 41 anos.

Foram levantadas 182 etnoespécies distribuídas em 54 famílias botânicas distintas. Destas, 144 foram identificadas à nível de família, 140 à nível genérico e 122 à nível específico.

As famílias mais citadas foram a Asteraceae, a Solanaceae, a Euphorbiaceae e a Lamiaceae. Enquanto as espécies mais citadas foram a *Stachytarpheta polyra*, *Petiveria alliacea*, *Plecthranthus barbatus*, *Chenopodium ambrosioides* e *Cymbopogon citratus*.

A origem botânica de 73 espécies, das 122 identificadas à nível específico, são nativas do Brasil, e 49 exóticas.

Para as etnoespécies citadas foram indicados 73 usos distintos, sendo que os distúrbios ligados ao aparelho respiratório, doenças renais e pressão alta apresentaram maior número de plantas para tratá-los.

A maioria das plantas são utilizadas por via oral e interna, preparadas na forma de decocção, sendo a parte vegetal usada com maior frequência, a folha.

Conforme havia sido combinado com a liderança comunitária, após a pesquisa ser realizada, foi distribuído um manual com as plantas estudadas ali.

Primeiramente, o manual foi distribuído para as pessoas que foram entrevistadas, para que estas dessem sugestões e verificassem se as informações estavam corretas. As analfabetas tiveram que pedir auxílio dos familiares para ler o manual. Algumas deram sugestões que foram prontamente seguidas quando possível. Posteriormente, com o manual modificado e aprovado pelos informantes, entregou-se 40 manuais com 60 mudas de confrei (*Symphytum officinale* L.) na casa do líder comunitário, Michel. Estas foram distribuídos dentro da comunidade para cada família. Foi escolhida a muda de confrei por tratar-se de uma planta de fácil cultivo, aclimatada no estado, além de ter sido indicada por uma das entrevistadas ignorando os efeitos tóxicos que esta pode causar com o uso indevido. As mudas foram distribuídas com os manuais para incentivar o cultivo e utilização do conhecimento da própria comunidade em prol da saúde. Posteriormente, foi distribuído um informativo para cada família da comunidade com as informações de estudos científicos das formas corretas de utilização e plantio do confrei.

Desta forma, constatou-se que a identificação botânica é de vital importância, pois orientando-se apenas pelos nomes populares o levantamento etnobotânico perde o seu valor científico e impossibilita a continuidade de pesquisas nas áreas da química, farmacologia, agronomia e outras.

Alguns entrevistados relataram à respeito de espécies que à menos de 5 anos eram facilmente encontradas pelas redondezas e, atualmente, não existem mais. Disseram que pessoas de fora da comunidade, raizeiros, começaram a coletá-las indiscriminadamente. Este fato é muito grave e abrange o perigo da extinção de

várias espécies do cerrado e, possivelmente, espécies endêmicas que ainda não foram cientificamente estudadas.

Não foi possível detectar se as gerações mais novas valorizam o conhecimento à respeito de plantas medicinais e místicas de seus ancestrais, embora alguns indícios indiquem que não há muito interesse neste assunto pelos jovens do local. Mas, pode ser que daqui uns anos comecem a valorizar este conhecimento, devido ao crescente incentivo de projetos aliados a órgãos governamentais e ONGs, que apoiam formas alternativas, mais econômicas e eficazes no sistema de tratamento de saúde populacional.

Desta forma, estudos de etnobotânica nesta área demonstram grande importância para que estas informações que remontam séculos não se perdessem num simples ‘piscar de olhos’.

SUMMARY

The popular knowledge of the use of medicinal and mystic plants was built along the times, being the collection of these information, fundamental to obtain and to rescue the content of cultural aspects, specific of each place and important for to coherent use the plants. The present work objectified to know the plants of medicinal and mystic use in São Benedito's community, descendants of slave absolved 'Aunt Eva', as well as the verification of the botanical identity, popular names and therapeutic uses of each one, avoiding the loss of these knowledge and using them to supply subsidies in researches in the pharmacological area, besides correcting information on the identity of plants and uncertain uses. The data were registered in small notebooks, with the interviewees' previous authorization. The people chosen for research were from the community and also had under their domain a larger knowledge in this subject. The lifted up plants were collected, when possible, and identified in laboratory. To the total of 182 ethno-species mentioned, 125 species have been identified and distributed into 58 families. The most mentioned species were *Petiveria alliacea* L. and the *Momordica charantia* L., brought to Brazil by Africans. It was elaborated and distributed a pamphlet and a *confrei* scion (*Symphytum officinale* L.), for each inhabitant of the community, according to the agreement with the community leadership of the place. The pamphlet brought scientific information regarding the use, application and cultivation of 27 species mentioned by the community.

KEW WORDS: Ethnobotany, medicinal-plants, mystic-plants, São-Benedito-community-Campo-Grande, MS, Brazil.

RESUMO

O conhecimento popular do uso de plantas medicinais e místicas foi construído ao longo dos tempos, sendo a coleta destas informações fundamentais para se obter e resgatar o conteúdo de aspectos culturais, muitas vezes específicos de cada local e importantes para o uso coerente das plantas. O presente trabalho objetivou conhecer as plantas de uso medicinal e místico na Comunidade de São Benedito, descendentes da ex-escrava, 'tia Eva', bem como a verificação da identidade botânica, nomes populares e usos terapêuticos de cada uma, evitando a perda destes conhecimentos e utilizando-os para fornecer subsídios em pesquisas na área farmacológica, além de corrigir informações sobre plantas de identidade e usos incertos. Os dados foram registrados em pequenos cadernos, com a prévia autorização dos entrevistados. As pessoas escolhidas para pesquisa foram indicadas dentro da própria comunidade por deterem sob seu domínio um maior conhecimento neste assunto. As plantas levantadas foram coletadas, quando possível, e identificadas em laboratório. Ao total foram citadas 182 etnoespécies, tendo sido identificadas 125 espécies distribuídas em 58 famílias. As espécies mais citadas foram a *Petiveria alliacea* L. e a *Momordica charantia* L., trazidas para ao Brasil pelos africanos. Foi elaborado e distribuído um folheto e uma muda de Confrei (*Symphytum officinale* L.) para cada morador da comunidade, conforme o acordo firmado com a liderança comunitária do local. O folheto trouxe informações científicas à respeito do uso, aplicação e cultivo de 27 espécies citadas pela comunidade.

PALAVRAS CHAVE: Etnobotânica, plantas-medicinais, plantas-místicas, São Benedito community - Campo-Grande, MS, Brazil.

AGRADECIMENTOS — Nossos sinceros agradecimentos ao Prof^o M. Sc. Olavo Araujo Guimarães pela leitura do texto e sugestões.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, U. P. DE & L. DE H. C. ANDRADE. 1998. Etnobotánica del género *Ocimum* L. (Lamiaceae) en las comunidades afrobrasileñas. *Anales Jardín Botánico de Madrid*, 56 (1) : 107-118.

- AMOROZO, M. C. DE M. 1996. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In : DI-STASI, L. C. *Plantas medicinais: arte e ciência*; um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, pp. 47-67.
- AMOROZO, M. C. DE M. & A. GELY. 1988. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas. Barcarena, PA, Brasil. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, Sér. Bot.*, 4 (1) : 47-131.
- AZEVEDO, A. DE. 1964. *Brasil: a terra e o homem*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 571 pp.
- BERNARDES DOS SANTOS, V. 1992 *Plantas medicinais e nativas mais utilizadas em Corumbá e Ladário*. Corumbá, MS, 27 pp. Monografia (Licenciatura Plena em Ciências Biológicas). Depto. de Botânica, Centro Universitário de Corumbá, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
- CABALLERO, N. J. 1983. Perspectivas para el que hacer etnobotánico en México. In : BARRERA, Alfredo (ed.). *La etnobotánica: tres puntos de vista y una perspectiva*. Xapala: Instituto Nacional de Investigaciones sobre Recursos Bióticos. p. 25-28.
- CERVI, A. C.; R. R. B. NEGRELE & D. SBALCHIERO. 1989. Espécies vegetais utilizadas na terapêutica popular no Município de Curitiba, Paraná. Brasil. *Estudos de Biologia*, Curitiba, 23 : 5-42, outubro.
- KUHN, O. DE O. 1997. Relatos da experiência de uma produtora de plantas medicinais. In : *1º Workshop sobre plantas medicinais e aromáticas em Mato Grosso do Sul*. Dourados, MS, 13 e 14 maio. pp. 22-24.
- LIMA, R. X. DE. 1996. *Estudos etnobotânicos em comunidades continentais da área de Guaraqueçaba. Paraná-Brasil*. Curitiba, 123 p. Dissertação (Mestrado em Engenharia Florestal). Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná.
- MATOS, E. DE. 1998. *Comunidade de São Benedito - Tia Eva*. Campo Grande, MS, 1998. 45 pp. Monografia (Bacharel em Turismo). Curso de Turismo - Universidade Católica Dom Bosco.
- MATOS, F. J. DE A. 1989. *Plantas medicinais*; guia de seleção e emprego de plantas medicinais do nordeste do Brasil. Fortaleza: IOCE, 2 v. 164 p.

- MING, L. C. 1995. *Levantamento de plantas medicinais na reserva extrativista "Chico Mendes"- Acre*. Botucatu, SP, 86 p. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas, área de concentração Botânica). Campus de Botucatu, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".
- PACIORNICK, E. F. 1989. *Plantas medicinais do Município de Curitiba, Paraná. Família Asteraceae Dumortier*. Curitiba, 187 p. Dissertação (Mestrado em Botânica). Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.
- QUEIROZ, P. R. C. 1994. *O movimento negro no Mato Grosso do Sul (1985-1994)*. Dourados, 42 p. Monografia (Curso de Especialização em História da América Latina). Centro Universitário de Dourados, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.
- STEHMANN, J. R. & BRANDÃO, M. G. L. 1995. Medicinal plants of Lavras Novas (Minas Gerais, Brazil). *Fitoterapia*; 66 (6) : 515-520.